

O EFEITO CORONELISTA NA BAHIA E NO MARANHÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Claudemir dos Santos Silva¹

Érika Maria Asevedo Costa²

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo³

RESUMO

Na República Velha, o coronelismo foi uma das bases fundamentais do domínio oligárquico com raízes profundas na tradição patriarcal brasileira. A política era comandada pelos grandes proprietários, autoridades da região, a quem todos deviam favores e obediência. Mas, e nos dias atuais? Há um coronelismo político vigente em pleno século XXI? Nesse sentido, pretendemos identificar e analisar, na atualidade, o efeito coronelista na Bahia e no Maranhão, a partir da mídia impressa e *online*, pela via da memória discursiva. Para tal empreendimento, a Análise do Discurso de linha francesa (AD), fundada por Michel Pêcheux, será o dispositivo teórico e analítico.

Palavras-Chave: Coronelismo, Mídia, Análise do Discurso (AD), Memória discursiva.

Introdução

Erroneamente, quando se fala em coronelismo, nos remetemos apenas e tão somente, ao final do século XIX e começo do XX. De fato, nesse espaço de tempo, proliferaram-se raízes ideológicas e discursivas que circunscreveram a atuação coronelista, sua força incontestada e “durante a República Velha a prática de fraudes eleitorais não se constituía uma exceção à regra, era a própria regra”, uma vez que na época não existia uma Justiça Eleitoral, o poder decisório sobre os resultados oficiais das eleições concentrava-se na Comissão de Verificação de Poderes (TEODOSIO *et al*,

¹ Doutorando do Curso em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), bolsista FACEPE. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: claudemirsilva711@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7198-1374>.

² Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Professora universitária da UNINASSAU do curso de Letras. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: erikalinguagemfono@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1841-2391>.

³ Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP). Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: nadiaazevedo@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6425-2846>.

2012, p. 01). Nesse contexto, toda a estrutura eleitoral foi planejada no sentido de que os candidatos oficiais vencessem as eleições, e para que isso acontecesse eles tinham o apoio dos coronéis. Tratando-se então, de um fenômeno comum em todo o país, propagando um sistema onde a sociedade e a política eram controladas/comandadas pelos coronéis (ricos fazendeiros). Esses grandes proprietários rurais, exerciam absoluto domínio sobre as pessoas que viviam em suas terras ou delas dependiam para sobreviver. De modo que, exploravam os agricultores, usando da influência de sua propriedade e obrigavam seus colonos a votarem em seus candidatos políticos.

Em vista disso, percebemos como era fácil manipular uma eleição: a soma de poder, mandonismo e voto aberto, resultaria em eleições sempre favoráveis aos poderosos. Mas e hoje? O que falar do coronelismo vigente em pleno século XXI? Infelizmente, nos dias atuais, a prática é utilizada para designar a política nepotista e demagógica de alguns políticos e mesmo depois de tantos anos, ainda, não foi completamente destruída. Por consequência, “na atualidade a forma de coronelismo está aí, escondida nas sombras da palavra democracia. Sistema democrático que de fato não existe” (TEODOSIO *et al*, 2012, p. 01). Diante das questões materializadas, este artigo tem como objetivo identificar e analisar, na atualidade, o efeito coronelista na Bahia e no Maranhão, a partir da mídia impressa e *online*, pela via da memória discursiva.

Para tanto, como fundamentação, interessa-nos trabalhar com os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), fundada por Michel Pêcheux, enquanto ancoragem teórico-metodológica. Uma vez que a AD, além de teoria de sustentação é também dispositivo analítico do *corpus* discursivo, com base na interdiscursividade nas redes de memória discursiva. Dessa forma, analisamos o efeito coronelista em *blogs*, jornais e revistas impressas e *online*, considerados materialidades discursivas sob a perspectiva da AD. Com isso, a proposta configura-se em realizar gestos de leitura na sociedade e na história, deixadas como vestígios, marcas discursivas ao longo de toda historicidade, produzindo, então, o efeito coronelista.

O surgimento do coronelismo no Brasil: a força de sua perpetuação na atualidade

Na história do Brasil, o coronelismo está presente desde os primórdios de sua colonização, como na época das capitânicas hereditárias, quando a Coroa Portuguesa dividiu o país em grandes lotes de terras e as entregaram às pessoas de melhores

condições econômicas: os donatários. Nesse cenário, a eles era dado total poder dentro da capitania, de maneira que, “com a morte do donatário, a administração da capitania passava para seus descendentes” (COTRIM, 1999, p.60).

Nesse entrecho, apenas no Império é que a prática veio a tornar-se realidade, todavia foi na República Velha (1889-1930) que se tornou um sistema político caracterizado pelo enorme poder concentrado nas mãos de um poderoso local (latifundiário, fazendeiro, senhor de engenho), pessoas com grande poder aquisitivo. Assim sendo, esse sistema, de acordo com Shilling (2002) tinha como figura central o coronel, surgindo com a formação da Guarda Nacional, criada em 1831, uma milícia civil que representava o poder armado dos proprietários que passaram a patrulhar as ruas e estradas em substituição às forças tradicionais, derrubadas pelos revolucionários. Para ser integrante, era preciso ter posses, recursos para assumir os custos com o uniforme e as armas necessárias (SHILLING, 2002). Diante disso, na prática, o coronelismo era um sistema político marcado pelo autoritarismo por parte dos coronéis, e pela subordinação dos trabalhadores e de todo povo que ali vivia, que recebiam salários ínfimos e eram submetidos a péssimas condições de trabalhos, ou seja, “os trabalhadores viviam dentro das propriedades dos coronéis, e ‘dependiam de ‘favores’ como: algum dinheiro extra, auxílio para educação dos filhos, socorro na hora da doença, etc.” (COTRIM, 1999, p.268).

Nos dias atuais, conforme Teodosio *et al* (2012), imaginamos que o coronelismo é coisa do passado, porque se vive em um sistema político com um novo nome, a tão falada e conhecida democracia, uma doutrina ou regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição equitativa do poder. No entanto, será que não se trata de uma forma mascarada de práticas coronelistas, até que ponto hoje essa democracia existe? À vista disso, Saramago (2014), ao debruçar-se com propriedade sobre os meandros da democracia brasileira, explica:

A democracia, ela está aí, como se fosse uma espécie de santa no altar, de quem já não se espera milagres, mas que está aí como referência. E não se repara que a democracia em que vivemos é uma democracia sequestrada, condicionada, amputada. O poder do cidadão, o poder de cada um de nós, limita-se, na esfera política, a tirar um governo de que não se gosta e a pôr outro de que talvez venha a se gostar. Nada mais. Mas as grandes decisões são tomadas em uma outra grande esfera e todos sabemos qual é. As grandes organizações financeiras internacionais, os FMI, a Organização Mundial do Comércio, os

bancos mundiais. Nenhum desses organismos é democrático. E, portanto, como falar em democracia se aqueles que efetivamente governam o mundo não são eleitos democraticamente pelo povo? Quem é que escolhe os representantes dos países nessas organizações? Onde está então a democracia? (SARAMAGO, 2014, s/p).

Compreendemos que esse regime político é imposto de cima para baixo, no qual o povo não tem autonomia sobre as decisões que regem a República brasileira. Com isso, esse “regime democrático” não passa de antigas regras impostas pelo sistema coronelista, de maneira mascarada, é claro. Portanto, esse novo sistema permanece semelhante, à época, ao imposto na República Velha e, como efeitos, mantém “as formas de autoritarismo, a repressão aos adversários políticos, o abuso do poder” (Teodosio *et al*, 2012, p. 03). Dessa maneira, a diferença entre as repúblicas (velha e atual) é, especialmente, a forma de escolher seus representantes, quer dizer, no primeiro sistema, o voto é aberto e restrito (votando, apenas, homens maiores de 21 anos, alfabetizados e de boas condições econômicas), já no segundo a forma do voto é secreto, livre e democrático. Nesse sentido, “longo caminho foi percorrido, mas o alvo ainda está longe de ser atingido, na medida em que a plenitude da cidadania ainda não chegou a todos os recantos e a toda a população do país” (LEAL, 2012, p. 10).

Nesse contexto, na região da Bahia, fortemente marcada pela cultura do cacau, o coronel, durante certo período, desempenhou relevante papel regional nas esferas sociais, históricas e culturais. Sendo assim, a história da região se mistura com a história dos coronéis do cacau, cuja influência foi positiva, como força propulsora do desenvolvimento regional, porque de 1890 a 1930, eles influenciaram, direta e indiretamente, o funcionamento das instituições e a dinâmica regional. A partir disso, constatamos que a história do coronelismo na região da Bahia não é longa, mas como elemento de poder, eles se colocavam acima das instituições jurídicas, religiosas e administrativas. E é nesse sentido, que Andrade (2003), afirma:

A história do coronelismo na região do cacau é curta e surgiu na época em que a cacauicultura adquiriu *status* de riqueza e poder. Os “coronéis” foram agentes de desenvolvimento social e urbano, como plantadores de cacau e fundadores de cidades. Eram os donos do poder. Promoviam o desenvolvimento regional e sua força política estava acima do Intendente, do Padre, do Juiz e do Delegado. O cargo de Intendente equivalia ao que é hoje o Prefeito. Eles manipulavam as pessoas conforme seus interesses maiores, mantendo para isso, o serviço de pequenos exércitos de jagunços que, a seu mando,

saqueavam fazendas e matavam aqueles que o contrariavam. Contudo, muitos coronéis preferiam a lei à violência (ANDRADE, 2003, p. 31).

Dito isso, percebemos que o coronel possui forte relação com o poder regional, pois do alto da sua força econômica, articulava-se ao Estado, sobre as demais esferas da administração local. Assim, notamos o vigor do coronelismo na consolidação da lavoura cacaueteira no Sul da Bahia, ainda na segunda metade do século XIX, que se dá, principalmente, “pelos atrativos preços do produto nos mercados internacionais, esse elemento (o coronel) passa a ter notoriedade, sobretudo, pelo uso da força coercitiva e econômica” (FALCÓN, 1995, p. 26).

O *corpus* discursivo: aspectos metodológicos

Como marcado, anteriormente, a AD, neste trabalho, será utilizada como procedimento teórico-metodológico, pois visa a compreender como um objeto simbólico produz sentidos. Dessa maneira, Orlandi (2013) explica que o trabalho de análise, inicia-se pela configuração do *corpus*, “delineando-se seus limites, fazendo recortes, retomando-se conceitos e noções que demandam um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2013, p.66).

Para a análise, como já mencionado, recorreremos a *blogs*, jornais e revistas impressas e *online*, porque são consideradas materialidades discursivas sob a perspectiva da AD. Com isso, a proposta configura-se em realizar gestos de leitura na sociedade e na história, deixadas como vestígios, marcas discursivas ao longo de toda historicidade, produzindo, então, o efeito coronelista. Diante da coleta do *corpus*, procedemos com a composição dos recortes discursivos, “fragmento correlacionado de linguagem – e – situação de interlocução (...), que é o da ideologia”, enfim, a análise será realizada metodologicamente, a partir dessa noção, “não como informação, mas como unidade discursiva, conceito que acolhe o processo de interação e relação com o mundo pela e na linguagem” (ORLANDI, [1987]; (2011), p. 138-140), que já são uma marca de interpretação e, ao analista, é impossível analisá-lo à distância (PÊCHEUX, 1994).

Em decorrência disso, procedemos com a elaboração de sequências discursivas⁴, estruturadas em sequências I e II, pois apresentam conexão com o objetivo da pesquisa. Em seguida, os discursos foram confrontados (interdiscursividade) pela análise das marcas linguísticas (traços), com destaque em sublinhado e retomando determinadas noções da AD, que não busca o “sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2013, p. 87). Nesse cenário, é sempre bom lembrar que a AD trata dos fatos de linguagem, com sua memória, sua espessura semântica e sua materialidade linguístico-discursiva. Por conseguinte, o procedimento metodológico adotado pela AD, procura aliar teoria à prática, num movimento em que o *corpus* em análise e a teoria estão sempre em contato, ou seja, enquanto teoria de interpretação dos discursos sociais nos oferece uma “caixa de ferramentas”, de que podemos dispor para analisar os textos midiáticos, nos quais estrutura e acontecimento se fundem numa materialidade constitutivamente sincrética (ORLANDI, 2013, p. 59).

A seguir, para melhor se compreender a proposta teórico-metodológica da AD, bem como, mais de seus conceitos teóricos basilares, trataremos de identificar e analisar, na atualidade, o efeito coronelista na Bahia e no Maranhão, a partir da mídia impressa e *online*, pela via da memória discursiva.

Um gesto teórico-analítico sobre o efeito coronelista na Bahia e no Maranhão

SEQUÊNCIA DISCURSIVA I	O patriarca maranhense: José Sarney
<p><u>“[...] Ao longo dos anos, Sarney e sua família tornaram-se o clã político mais poderoso e onipresente do Maranhão, e ele é, sem dúvida, considerado como a síntese do Brasil dos coronéis rurais [...]”.</u></p>	
<p><u>“ Eles são, em essência, a imagem final do semi-feudalismo, e também o passado que os brasileiros estão tão ansiosos para deixar para trás. De alguma forma eles conseguiram sair ilesos, e seu poder e riqueza ainda não mostram quaisquer sinais de desaparecimento”</u></p>	
<p><u>“[...] Sarney vinha como esperança para acabar com o vitorinismo — o reinado de Victorino de Brito Freire, que durava desde o fim do Estado Novo, em 1945 [...]”.</u></p>	

⁴ - Entende-se como sequências orais ou escritas de uma dimensão superior a frase. A forma e a natureza das sequências discursivas são variáveis, pois dependem da abordagem e das análises a que elas serão submetidas (COURTINE, 2009).

[...] Saía um coronel e entrava outro. O que sua família faz no Maranhão há tempos é uma invasão de gafanhotos [...].”

Fonte: Diário do Centro do Mundo ⁵

As elites dirigentes, primeiro lusitanas, depois luso-brasileiras e, afinal, brasileiras, viveram sempre e vivem ainda sob o pavor do alçamento das classes oprimidas. Com isso, compreendemos fundamentados nos dizeres de Althusser (1992), que “o discurso é uma das formas de realização do ideológico”, de modo que a ideologia se materialize no discurso: “o mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é o mecanismo da sujeição” (ALTHUSSER, 1992, p.08). Então, dele ninguém está livre. Dessa maneira, há uma brutalidade repressiva contra qualquer insurgência e a predisposição autoritária do poder central, que não admite qualquer alteração da ordem vigente (RIBEIRO, 1995).

Diante das postulações materializadas, é possível estabelecermos uma interlocução com as leituras extraídas de notícias, providas da mídia, especificamente, *blog* e jornal *online*, publicadas em 2014. No sentido de que, observamos maneiras de significação sobre o funcionamento discursivo do patriarca Sarney, “sitiando” as principais cidades do Maranhão. Nesse contexto, há possibilidades de identificação e análise, por essa via, das marcas discursivas, ao longo dos anos, entre as possibilidades de efeitos de sentido, a instauração e a perpetuação do coronelismo no funcionamento do político, uma vez que a AD garante, no interior da luta de classes, espaço para a circulação de sentidos outros. À vista disso, a inculcação da ideologia dominante apesar de ser aprendida, reforçada e perpetuada na escola não se origina nela. Tem, antes, origem na formação das classes sociais, no seio do próprio Estado e de seus aparelhos (ALTHUSSER, 1970).

Inicialmente, nesta sequência, com o recorte discursivo do *blog*: “[...] Ao longo dos anos, Sarney e sua família tornaram-se o clã político mais poderoso e onipresente do Maranhão e ele é, sem dúvida, considerado como a síntese do Brasil dos coronéis rurais [...]”. Logo, percebemos que sua onipresença em tal estado, trata-se de um poderio fixado sob a égide do discurso autoritário, realidade essa que se configura como uma completa restrição entre os interlocutores. No sentido de não possibilitar formas de

⁵ Disponível em: <<http://ivandecolombo.com.br/blog/2014/01/26/brasil-dos-coroneis-revista-forbes-diz-que-sarney-e-coronel/>> Acesso em 07 de jun. 2017.

diálogos, pelo contrário, tem no seu bojo, a ilusão de reversibilidade (ORLANDI, [1987]; (2011)). Essa é a marca do clã dos Sarney, governando o estado, desde a década de 1960, unidos não só pelo parentesco, definido pela existência de um ancestral em comum. Mas também pelos enlances políticos. Essa família política, na verdade, tem origem no patriarcalismo colonial, matriz da formação do estado brasileiro, sendo, portanto, a dominação primeira do Brasil e que vem sobrevivendo onipresente, até hoje, na política brasileira, mostrando do Maranhão para o mundo, de acordo com a publicação no dia 26 de janeiro de 2014, pelo *site Biconotícias*, em sua matéria intitulada: “Brasil dos coronéis!!!! *Revista Forbes diz que Sarney é “Coronel”*”, revelando que essa revista estadunidense, considera ele (Sarney), como a síntese do Brasil dos coronéis rurais, caracterizado pela composição de um processo originado no patriarcado rural, abordando mandonismo e práticas abusivas de poder.

Na mesma sequência analisada, mais precisamente no recorte: “[...] Eles são, em essência, a imagem final do semi-feudalismo, e também o passado que os brasileiros estão tão ansiosos para deixar para trás. De alguma forma eles conseguiram sair ilesos, e seu poder e riqueza ainda não mostram quaisquer sinais de desaparecimento”. Nesse sentido, quando se pensa que eles são, em essência, a imagem final do semi-feudalismo⁶, compreendemos que o Estado vive em meio aos ditames desse modo de organização social, político e cultural, que “ampara” os trabalhadores, rurais ou não, numa democracia, como bem ressalta Saramago (2014), sequestrada, condicionada, amputada, na qual o poder desses cidadãos, de cada um de nós, limita-se, na esfera política, a tirar um governo de que não se gosta e a pôr outro de que talvez venha a se gostar e nada mais.

Nesse contexto, como salienta Ribeiro (1995), as relações de classes chegam a ser tão infranqueáveis “que obliteram toda comunicação propriamente humana entre a massa do povo e a minoria privilegiada, que a vê e a ignora, a trata e a maltrata, a explora e a deplora, como se esta fosse uma conduta natural” (RIBEIRO, 1995, p. 24). No entanto, a língua é condição de possibilidade discursiva e, vista sob este ângulo, o

⁶ - Até o início do século XVIII, a expressão “feudalismo”, refere-se não apenas à organização política e às relações pessoais estabelecidas entre os homens pertencentes às classes dominantes. Mas também à maneira como sujeitavam uma população para a organização de uma produção da qual dependiam. O ‘modo feudal’ incluía, tanto um sistema senhorial de exploração econômico-social, como o conjunto de mecanismos feudo-vassálicos através do qual se organizava e se hierarquizava a parcelarização do poder (BARROS, 2008).

funcionamento discursivo é, pois “a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um locutor determinado, com finalidades específicas” (ORLANDI, [1987]; (2011), p.125).

Sendo assim, ainda, na sequência em andamento, no recorte discursivo do jornal *online*: “[...] Sarney vinha como esperança para acabar com o vitorinismo — o reinado de Victorino de Brito Freire, que durava desde o fim do Estado Novo, em 1945 [...]”, entendemos que antes do patriarca iniciar seu império político e perpetuá-lo, deparou-se com o vitorinismo⁷, encarregando-se de produzir o coronelismo com suas práticas mandonistas, período esse que nem mesmo a redemocratização do país, eclodida em 1945, conseguiu erradicá-lo. Pelo contrário, o reinado Victorino, tornou-se hegemônico no Maranhão e só no fim dessa dura e encarniçada luta, anos 1960, “Sarney captou bem o corte que a sociedade maranhense ansiava por fazer entre o **velho** e o **novo**, entre o **moderno** e o **arcaico** e expressou isso em sua proposta de governo, sintetizada pela expressão ‘Maranhão Novo’” (GUILHON, 2017, p. 11, grifos da autora).

Logo, no recorte em destaque: “[...] Saía um coronel e entrava outro. [...]”, vemos que nessa transição, apenas, saía um coronel firmado numa oligarquia de bases rurais e, em seguida, entrava outro, baseado no universo urbano e na ideia do novo, já que “a proposta de Sarney sensibilizou a população em geral que via nesse candidato a oportunidade de romper com os velhos esquemas políticos em vigor no estado” (GUILHON, 2017, p. 06). Ainda assim, manteve “uma ideologia de manipulação do povo, na qual não se quer que essas práticas mudem, mas sim, que se perpetuem, para atender às suas necessidades políticas, econômicas e sociais” (TEODOSIO *et al*, 2012, p. 04). Portanto, foi estabelecido e perpetuado o “Sarneísmo no Maranhão”, na sociedade e na história, construindo então, entre as possibilidades de sentido, suas versões/verdades, deixadas como vestígios, marcas discursivas ao longo de toda historicidade, produzindo, então, o efeito coronelista, ainda nos dias atuais, pela via da memória discursiva.

Na perspectiva discursiva, entendemos que a memória é “um conjunto complexo, preexistente e exterior ao organismo, constituído por séries de tecidos de

⁷ - Momento comandado por Vitorino Freire no Maranhão, iniciando então uma política de características mandonistas — que denominou vitorinismo —, que cobriu todo o período 1947-1964. Significativamente, todos os governadores eleitos nesse período seriam seus correligionários e indicados por ele (PANTOJA, 2017).

índices legíveis, constituindo um *corpus* sócio-histórico de traços” (PÊCHEUX, 2011, p. 143). De acordo com Orlandi (2003) todo dizer se produz sobre um já-dito. Para significar, as palavras já fazem sentido. Em decorrência disso, concordamos com Pêcheux (2010), no sentido de que:

a memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Assumimos, assim, que os sentidos se constroem nas relações de sentidos, isto é, todo discurso se constitui pelo trabalho da memória discursiva, que funciona pelo esquecimento ou pelo dever de lembrar (ORLANDI, 2003). Dessa forma, na segunda parte do recorte discursivo analisado: “[...] O que sua família faz no Maranhão há tempos é uma invasão de gafanhotos [...]” ecoa como uma marca discursiva, supostamente, refletindo memorável e historicamente, ao longo do tempo, os estragos que a família Sarney, comparada a gafanhotos, que, entre os efeitos de sentido, possuem apetites vorazes, invadem e destroem tudo o que estiver pela frente, comem, sem parar. Esta analogia é interessante, porque o suposto “coronel Sarney”, do alto poderio econômico, “devoraria” os bens dos mais pobres, contribuindo para a manutenção da desigualdade social. Com isso, “os privilegiados simplesmente se isolam numa barreira de indiferença para com a sina dos pobres, cuja miséria repugnante procuram ignorar ou ocultar numa espécie de miopia social, que perpetua a alteridade” (RIBEIRO, 1995, p.24). Essa estrutura de classes⁸ engloba e organiza todo o povo, operando como um sistema autoperpetuante da ordem social vigente.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA II	O patriarca bahiano: Antônio Carlos Magalhães
<u>“[...] Era ligado a impérios da comunicação e aos centros urbanos. Mas tinha o estilo dos velhos coronéis, talvez mais do que ninguém [...]”.</u>	
<u>“Por isso nunca foi perdoado pelos velhos coronéis, nem por seus herdeiros "modernos", [...]. Os oligarcas da imprensa brasileira, onde se reproduzia o estilo</u>	

⁸. Segundo Ribeiro (1995), nossa tipologia das classes sociais vê na cúpula dois corpos conflitantes, mas mutuamente complementares. O patronato de empresários, cujo poder vem da riqueza através da exploração econômica; e o patriciado, cujo mando decorre do desempenho de cargos, tal como o general, o deputado, o bispo, o líder sindical e tantíssimos outros.

coronel de viver em política: mandonismo, tribalismo, reconhecimento de sua própria casta como a única preparada para exercer (ou poder falar para e do) poder [...]”.

Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Com-ACM-morre-o-coronelismo-4/13756>. Acesso em: 20 de mai. de 2017.

“[...] Entretanto, ainda está pra se ver se de fato o coronelismo está morrendo no Brasil, ou está se transformando num novo estilo tribal, desenvolvendo aquilo que os especialistas veem como uma forma limite do coronelismo, que era o "colegiado[...].”

Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,morre-acm-o-ultimo-grande-coronel-da-politica,23142>. Acesso em 20 de mai. de 2017.

“[...] Há apenas um ano, o carlismo tinha 370 dos 417 prefeitos, 89% do total [...]”.

“Interferiu de forma decisiva naquilo que os intelectuais chamam de *establishment* e foi a figura mais proeminente de toda uma geração que chegou ao poder com a ditadura militar. *Por isso, sua morte carrega uma carga simbólica adicional*”.

O último coronel

Fonte: Isto é⁹

A mídia é hoje uma das maiores produtoras de identidade para os sujeitos sociais. Todo enunciado se insere em uma rede de memórias que lhe confere sentido e legitimidade. A partir disso, na análise do recorte dessa sequência discursiva, extraída do Jornal *Carta Maior*, ao falar da morte do político Antônio Carlos Magalhães (ACM): “[...] Era ligado a impérios da comunicação e aos centros urbanos. Mas tinha o estilo dos velhos coronéis, talvez mais do que ninguém [...]”, notamos o enfatizar da força política de ACM, permitindo-nos redefinir o discurso como um o processo histórico-social de instauração de sentidos que determina, a partir dos lugares sociais dos interlocutores envolvidos, a intencionalidade, as imagens identitárias, as estratégias argumentativas algo que se acha presente na própria materialidade do discurso dos políticos.

Em muitas práticas discursivas da mídia brasileira, o tema “coronelismo na política” é objeto de enunciados polêmicos que fazem deslizar sentidos tradicionalmente assentados ainda na figura do coronel. Nesse sentido, ACM é da região da Bahia, onde a história é marcada desde a época do cacau, que, durante esse período, desempenhou um papel de poder, já que os coronéis se colocavam acima das instituições jurídicas, religiosas e administrativas. Corroborando com a análise, as considerações de Pêcheux (1994, p. 147) afirmam que “o discurso sempre fala antes, em qualquer lugar e

⁹ O último coronel. Disponível em: <http://istoe.com.br/430_O+ULTIMO+CORONEL/>. Acesso em 20 de mai. 2017.

independente”, do sujeito do enunciado. Dessa forma, o que fica claro no jogo político é que o poder é o foco. Assim sendo, as formações discursivas/ideológicas do coronelismo asseguram a garantia do mais forte em detrimento do mais fraco, da manutenção da pirâmide social e, ainda hoje, permanecem em diversos sujeitos políticos no Brasil.

Outra sequência discursiva do mesmo jornal, diz: “Por isso nunca foi perdoado pelos velhos coronéis, nem por seus herdeiros "modernos", [...]. Os oligarcas da imprensa brasileira, onde se reproduzia o estilo coronel de viver em política: mandonismo, tribalismo, reconhecimento de sua própria casta como a única preparada para exercer (ou poder falar para e do) poder [...]”. Com isso, o enunciado midiático acima se insere em redes de memória que estabelecem um permanente diálogo interdiscursivo, através das representações do discurso da mídia, construindo o imaginário social (ainda) do coronelismo na política.

Ao analisarmos o último recorte da sequência discursiva do mesmo jornal: “[...] Entretanto, ainda está pra se ver se de fato o coronelismo está morrendo no Brasil, ou está se transformando num novo estilo tribal, desenvolvendo aquilo que os especialistas veem como uma forma limite do coronelismo, que era o "colegiado” [...]”, percebemos que a mídia retrabalha símbolos que retomam a memória do tema coronelismo, quando traz o termo “colegiado,” produzindo uma regularização dessa memória pela repetição e, ao mesmo tempo em que desestabiliza, reatualiza-a, através de outros acontecimentos, ratificando uma construção identitária do coronelismo que ecoa em várias práticas discursivas da mídia.

Quando nos debruçamos sobre a análise do último recorte discursivo, extraído da revista “Isto é,” de 20 de maio de 2017, intitulada: [...]“Há apenas um ano, o carlismo tinha 370 dos 417 prefeitos, 89% do total[...]. Observamos que ao trazer o termo “ carlismo”, entre a produção de sentidos, acaba mostrando o grupo de prefeitos que fazem parte do classe do político Antônio Carlos Magalhães, a partir do incessante movimento de reprodução-transformação desse enunciado, nessa segunda sequência discursiva, produz efeitos de sentidos que se atribui à figura de Antônio Carlos Magalhães, constituindo parte integrante da memória discursiva e acionando a perpetuação da imagem do coronelismo na política brasileira. Sendo assim, esse termo é usado para fixar uma determinada construção identitária, fazendo deslizar os sentidos e

acionando redes de memória da imagem do coronelismo. Por consequência, segundo Silva (2003), todo processo identitário se constrói vinculado a uma rede de memórias que o ancora e o legitima. Ainda na mesma reportagem, tem-se a recorte: “interferiu de forma decisiva naquilo que os intelectuais chamam de *establishment* e foi a figura mais proeminente de toda uma geração que chegou ao poder com a ditadura militar. *Por isso, sua morte carrega* uma carga simbólica adicional. Logo, através dessa sequência, por meio do recorte em análise, identificamos o perpassar de uma produção identitária sobre a figura do político ACM, trazendo modos de agir e pensar já cristalizados na memória social, pois estão sempre retomando temas inscritos em uma rede de memórias e reatualizando-os, redefinindo-os na memória do presente, ou seja, é através dessa constante retomada de enunciados verbais que se produzem as identidades. Para Pêcheux (2010), um percurso escrito discursivamente em outro lugar evidencia aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem a recitação de um mito.

Considerações finais

Este artigo tomou como materialidade discursiva enunciados publicados em *blogs*, jornais e revistas impressas e *online*. Com isso, buscamos identificar e analisar, na atualidade, o efeito coronelista na Bahia e no Maranhão, a partir da mídia impressa e *online*, pela via da memória discursiva. Nesse sentido, diante dos recortes analisados nas sequências discursivas I e II, observamos que a prática do coronelismo, como modelo de superposição de forças e controle, manteve-se, não mais pela força dos jagunços, que intimidavam e coagiam, mas se perpetua por outra forma de controle – o discurso, materializado em palavras ditas ao longo do tempo, usado ideologicamente a seu serviço. Assim sendo, as posições assumidas nas mídias consultadas, revelam cada qual a seu modo, gestos discursivos que enfatizam o efeito coronelista, ao longo do tempo até os dias atuais.

Em vista disso, constatamos que todo discurso se constitui pelo trabalho da memória discursiva, que funciona pelo esquecimento ou pelo dever de lembrar (ORLANDI, 2003). Portanto, tais enunciados/dizeres assumem e se respaldam na história, bem como na questão da manutenção, perpetuação do poder, de cenários políticos vigentes, em que coronéis se respaldam. Dessa maneira, nesse contexto, notamos que as maiores oligarquias políticas, ainda vigentes no país, detentoras de

mídias são, segundo as mídias consultadas, as famílias Sarney (Maranhão) e Magalhães (Bahia), clãs esses que se mostram onipresentes, com poderios fixados, ou seja, o resultado desse domínio é, ainda, visível: mandam e desmandam nos estados há mais de cinquenta anos.

Sendo assim, em seus gestos de leituras, as mídias acabam por reforçar/denunciar as práticas do coronelismo ainda vigentes nos estados brasileiros. Diante desse cenário sócio-histórico, político e cultural, afirmamos em consonância com os dizeres de Leal (2012) que “longo caminho foi percorrido, mas o alvo ainda está longe de ser atingido, na medida em que a plenitude da cidadania ainda não chegou a todos os recantos e a toda a população do país” (LEAL, 2012, p. 10), quer dizer, o autor alerta, chamando-nos à atenção, no sentido de que à democratização plena, só será alcançada quando estiver plenamente constituído um corpo de cidadãos independentes capaz de dirigir os governos pela representação.

Sujeitos críticos e reflexivos, que sejam capazes de, entre outras coisas, especialmente, alertar às novas gerações, talvez, hoje interessadas em tomar conhecimento do que vem ocorrendo no Maranhão e na Bahia, por exemplo. Na prática, mostrando através da mídia, em seus gestos de leituras, o funcionamento do político na memória discursiva, como regularização de sentidos na/pela linguagem, na qual as condições de produção configuram-se pela busca do poder político e manutenção do *status quo* desse fenômeno, que, mesmo depois de tantos anos, perpetua-se no Brasil.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado*. Lisboa: Presença 1970.

_____. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1992.

ANDRADE, Maria Palma. *Ilhéus: passado e presente*. 2. ed. ver. e ampl. Ilhéus, BA: Editus, 2003.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade medieval e feudalismo – um balanço da questão*. Universidade estadual de Ponta Grossa. Linguística, letras e artes, 2008. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/644/626> Acesso em: 29 de ago. 2017.

BICNOTÍCIAS. Brasil dos coronéis!!!! *Revista Forbes diz que Sarney é “Coronel”*. Disponível em: <[http://ivandecolombo.com.br/blog/2014/01/26/brasil-dos-coroneis-
revista-forbes-diz-que-sarney-e-coronel/](http://ivandecolombo.com.br/blog/2014/01/26/brasil-dos-coroneis-revista-forbes-diz-que-sarney-e-coronel/)>. Acesso em: 07 de jun. 2017.

BLOG O ESTADO. *Eu e o vitorinismo*. Disponível em: <<http://www.blogsoestado.com/buzar/2014/11/23/eu-e-o-vitorinismo/>>. Acesso em: 07 de jun. 2017.

CARTA MAIOR. *Com ACM, morre o coronelismo?* Disponível em: <[http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Com-ACM-morre-o-coronelismo-
/4/13756](http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Com-ACM-morre-o-coronelismo-/4/13756)>. Acesso em: 20 de mai. de 2017.

COTRIM, Gilberto. *História do Brasil: um olhar crítico*. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do Discurso Político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

DCM. *O descabro no Maranhão tem nome e sobrenome*: José Sarney. Disponível em: <[http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-descabro-no-maranhao-tem-nome-e-
sobrenome-jose-sarney/](http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-descabro-no-maranhao-tem-nome-e-sobrenome-jose-sarney/)>. Acesso em: 07 de jun. 2017.

ESTADÃO. *Morre ACM, o último grande coronel da política*. Disponível em: <[http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,morre-acm-o-ultimo-grande-coronel-da-
politica,23142](http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,morre-acm-o-ultimo-grande-coronel-da-politica,23142)> Acesso em 20 de mai. de 2017.

FALCÓN, Gustavo. *Os coronéis do cacau*. Salvador: Ianamá/Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

GUILHON, Maria Virginia Moreira. *Sarneísmo no Maranhão: os primórdios de uma oligarquia*. Disponível em: [file:///C:/Users/Downloads/SARNE%20DSMO_NO_MARANH%20OS-
_os_prim%20rdios_de_uma_oligarquia.pdf](file:///C:/Users/Downloads/SARNE%20DSMO_NO_MARANH%20OS-prim%20rdios_de_uma_oligarquia.pdf). Acesso em: 08 de jul. de 2017.

ISTO É. *O último coronel*. Disponível em: <http://istoe.com.br/430_O+ULTIMO+CORONEL/>. Acesso em: 20 de mai. 2017.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. O município e o regime representativo no Brasil. 7. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

ORLANDI, Eni Punicelli. Ler a Cidade: o Arquivo e a Memória. In: ____ (org.). *Para uma Enciclopédia da Cidade*. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/ Unicamp, 2003. _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, [1987] 2011.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PANTOJA, Sílvia. *Vitorino Freire*. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/FREIRE,%20Vitorino.pdf>> Acesso em: 29 de ago. 2017.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas – SP: Unicamp, 1994, p.55-64.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* (org.). *Papel da Memória*. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 3.ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, p. 49-57.

_____.Metáfora e Interdiscurso. In: *Análise do Discurso: Michel Pêcheux. Textos Escolhidos por Eni Orlandi*. Campinas - São Paulo: Editora Pontes, 2011.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. “*A Democracia Está No Altar: Uma Santa De Quem Já Não Se Espera Mais Milagres*”. Disponível em: <<http://www.portalraizes.com/a-democracia-esta-como-uma-santa-no-altar-de-quem-ja-nao-se-espera-mais-milagres/>>. Acesso em: 04 de nov. 2014.

SCHILLING, Voltaire. *Ascensão e Queda do Coronelismo*. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/index_brasil.htm> 2002. Acesso em: 18 de jul. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SUA PESQUISA. *O Coronelismo: História do Brasil República, o que foi o coronelismo, fraudes eleitorais, currais eleitorais, voto de cabresto, café-com-leite*. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/coronelismo.htm>>. Acesso em: 28 de abr. de 2017.

TEODOSIO, Sheila de Sousa.; OLIVEIRA, Andressa Gregório.; RODRIGUES, Raissa Araujo de Sousa. *Coronelismo: práticas sociais ainda vigentes na república brasileira*. VII CONNEPI, 2012. Disponível em: <<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/1563>>. Acesso em: 28 de abr. de 2017.

THE CORONELIST EFFECT IN BAHIA AND MARANHÃO: A DISCURSIVE ANALYSIS

ABSTRACT

In the Old Republic, coronelism was one of the fundamental bases of the oligarchic domain with deep roots in the Brazilian patriarchal tradition. The policy was commanded by the great landowners, authorities of the region, to whom all owed favors and obedience. But, and in the present day? Is there a political coronelismo in force in the XXI century? In this sense, we intend to identify and analyze, at present, the colonelist effect in Bahia and Maranhão, from the print and online media, through the discursive memory path. Therefore, soon the French Speech Discourse Analysis, whose founder was Michel Pêcheux will be the theoretical and analytical device.

Keywords: Coronelism, Media, Discourse Analysis (AD), Discursive Memory.

Recebido em: 04/11/2019

Aprovado em: 02/01/2020